S. PAULO (Brazil) | Sabbado, 20 de novembro de 1909 | ANNO IV — NUMERO 6

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . 8$000
PAGAMENTO ADIANTADO

FUNDADOR: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé, 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Numero do dia 100 rs.

Apparece aos sabbados

Ainda Ferrer

Os protestos vehementes que em todo o mundo civilisado levantou o abominavel assassinato do grande pensador Francisco Ferrer, foi um gigantesco passo dado para a solidariedade dos povos contra o jugo dos despotas que os opprimem.

Esses protestos quasi unanimes, essa repulsa quasi universal, provocados pelo acto de vandalismo do governo hespanhol, veio provar de modo evidente que os tyrannos que infelizmente ainda opprimem os povos já devem ter em mais conta a liberdade e a vida daquelles que clamam contra as suas tyrannias.

Pelo modo como em todos os centros cultos foi verberado esse attentado á liberdade de pensamento, vê-se que os processos violentos, como o que usou o governo hespanhol, longe de sustarem a marcha dos ideiaes porque se batem os homens que desejam um melhor estado de coisas, longe de interceptarem essa marcha triumphante, esses meios servem sómente para seu incremento. A queda de um combatente que se bate pela liberdade de pensamento, pelo advento de uma era melhor, pelo estabelecimento de um regimen de accôrdo com os sãos principios da equidade e da razão, embora esse batalhador seja um dos que, como Ferrer, caminhavam na vanguarda, não faz estacionar a avalanche, muito ao contrario, essa queda na lucta redemptora, — como no caso Ferrer, — serve de incentivo a que muitos outros venham avolumar a legião propagadora.

Debalde os reaccionarios, os sandeus ultra-montanos tentam justificar esse crime do governo hespanhol attribuindo a Ferrer a culpa de atear o facho da revolta em Barcelona.

Debalde os inimigos da liberdade inventam as mais calumniosas mentiras para fazerem suppôr que elle foi o instigador de taes motins.

Essa revolta, esse motim ou que outro nome lhe queiram dar, — mas a que nós chamaremos o prenuncio de grandes commoções que hão de abalar o mundo e varrer de sua superficie a horda de parasitas que o infestam, — justifica-se plenamente. Não foi a remessa de tropas para Marrocos a causa directa do levante?

Eis ahi, pois, a sua plena justificação. Na guerra contra os riffenhos,—nessa como em todas as guerras,—o povo, as baixas camadas não tinham nenhum interesse em jogo; a guerra apenas interessava a meia duzia de individuos que tinham capitaes em algumas minas em exploração no Riff; era justo portanto que o povo se insurgisse contra essa desnecessaria campanha onde fatalmente deviam ir ser sacrificados, como de facto têm sido, centenares de pobres soldados que jamais offensa alguma haviam recebido dos marroquinos.

As ideias anti-militaristas na Hespanha como em muitas outras nações, têm feito admiraveis progressos. A maioria do povo hespanhol, sobretudo o catalão, já conseguiu libertar-se da falsa noção do que seja a patria, da absurda, destruidora e superstíciosa noção do patriotismo, já não se deixa sugestionar nem illudir por essa palavra vã que já fez sua época, mas que fatalmente, talvez num prazo não muito longo, será supprimida pela solidariedade humana. Elle bem sabe que o soldado é apenas o instrumento de que se servem os governos para se manterem; elle bem sabe que as guerras, declaradas em nome do santo interesse da patria em perigo, apenas aproveitam a meia duzia de figurões: fornecedores de apetrechos bellicos, banqueiros e poucos mais. Elle bem sabe que todas as fataes consequencias dessas guerras caem sobre si: é elle que fornece os soldados immolados nas sangrentas e barbaras carnificinas dos campos de batalha, e é elle ainda que tem de custear as enormes sommas monetarias que as guerras custam e as quaes lhe são extorquidas sob a forma varia de impostos. Sabe ainda mais o povo que um dos maiores inimigos da liberdade, e po tanto o seu maior inimigo, é essa caterva clerical que empesta o mundo e que, sobre tudo na Hespanha, o clero de mãos dadas com os governos se esforça por manter todos os falsos preconceitos que têm conseguido trazel-o até hoje agrilhoado ao erro e á superstição.

Foi por isso que o levante do povo barcelonez teve uma feição accentuadamente anti-clerical.

Como pois querer malevolamente accusar Ferrer de insuflador dessa sedição?

Essa accusação sem fundamento, essa aleivosia só póde ser assacada ao inolvidavel educador, pelos asquerosos e perversos tonsurados e seus sequazes, sim, porque elles seguindo o antigo vezo de, com a baba peçonhenta da calumnia quererem emporcalhar tudo que é nobre, tudo que é generoso, tudo que é sublime, não olham aos meios para conseguirem os seus fins.

Mas por mais que calumniem, que orneijem, desta vez nada conseguem com o seu systema de adulterar a verdade.

Prova irrefutavel do quanto foi iniquo o infame assassinato commettido pelo governo hespanhol, offerece-nol-a esse espontaneo e vehemente protesto que surgiu de um a outro extremo do globo.

E não foi de todo improficuo tão solemne protesto, a queda do gabinete presidido pelo sabujo do papa que se chama Maura, já alguma coisa representa, por essa queda claramente se vê que em vão aquelle jesuita energumeno pretendeu recorrer á violencia para manter a estabilidade de seu governo. Difficil se vai tornando pretender governar empregando meios violentos e reaccionarios; é necessario transigir, acompanhar a evolução, seguir a moderna corrente de ideias sob pena de, com a violencia, mais apressarem o fim do imperio da oppressão e da tyrannia.

JOSÉ S. SALLES.



Lembremos o grande crime

Ao pé da fortaleza de Montjuich, onde se desenrolou a tragedia

Ferrer junto ao fosso onde tombou sob as balas do pelotão de execução

Divulgai a LANTERNA!

O poder espiritual
DA SCIENCIA

A desaffeição geral e progressiva de todos os povos pela Religião, especialmente pela religião catholica, é um facto facil de constatar e que enche de regozijo os livres pensadores e anti-clericaes de todas as seitas.

Ninguem duvida em attribuir semelhante resultado aos progressos da sciencia e da instrucção. "A' medida que se diffundem as luzes do saber vão fugindo as trévas da fé!„ exclama soberbamente qualquer bacharel em direito anti-clerical. Seria facil fazer-lhe notar que as classes que mais facilidade têm para se instruir, são as que mais apegadas ficam á religião, que esta tem para a sua defesa notabilidades scientificas numerosas, e que a religião perde terreno mesmo em lugares onde a instrucção não ganha nenhum. Até o contrario occorre: na Belgica, por exemplo.

Um padre italiano parece ter visto mais claro na questão quando disse: "o lamentavel afastamento das classes operarias da religião não tem causas theologicas nem philosophicas: é devido á crescente sujeição do clero catholico ás classes possuidoras. Nas lutas sociaes, o proletariado sempre acha o clero do lado dos seus adversarios, ou tratando de se manter numa neutralidade hostil. Nada mais natural que perca a confiança em nós.„

Prova da verdade dessa opinião é que, em regiões que pareciam decididamente conquistadas ás ideias modernas, a religião retomou quasi num instante o terreno perdido, só com a sua intervenção nas questões sociaes com uma sombra de sympathia pelo povo.

E' que no seu estado actual de profunda ignorancia e de miseria intellectual, o povo não tem outro criterio senão o criterio economico.

***

A Sciencia pretende tomar a successão da Religião no poder espiritual. Augusto Comte annunciou essa successão; Littré e Renan trataram de prever as suas phases e, recentemente, Büchner na Allemanha, Marcelin Berthelot em França, declararam-n'a com soberbo orgulho effectuada.

De facto, a palavra Sciencia não acha quasi mais desrespeitadores. Todos falam em nome da sciencia; ella tem seus pontifices, seus concilios e seu innumero clero de mestres. E as suas decisões não ficam platonicas; hoje ella intervem na nossa vida publica e até na privada. O poder executivo empresta-lhe forças para fazer cumprir as suas decisões. Como toda autoridade já é tyrannica, e em certos paizes dizem que fuzilaram gente para que não morresse de doença . . .

Parece, portanto, bem estabelecido o poder espiritual da Sciencia. Vejamos se elle já não está ameaçado de uma ruina mais rapida do que o poder espiritual da Religião, dando quiçá logar ao resurgimento inesperedo deste.

***

Disse-se ao povo: a Religião é contraria á Sciencia, e a Sciencia é a Verdade, portanto a Religião é a Mentira. O Povo ficou muito disposto a acreditar nisso, porque via todos os dias o padre prègar-lhe muita mentira; passou a crer na Sciencia em lugar de crer na Religião, Mas o modo de crer é o mesmo: é fé cega. O povo não cogita dos dogmas da nova Religião, como não cogitava dos da antiga. Importa-se dos mysterios da Attracção ou do Atomo tanto como se importava dos da Trindade ou da Transubstanciação. São coisas igualmente inattingiveis. A unica base da fé é a confiança: a Religião caíu porque não soube guardar a confiança; a Sciencia imperará emquanto souber conserva-la.

Mas isso será a esta tão difficil como áquella, senão mais. As explicações que a Sciencia dá do mundo parecem tão abstrusas como as da Theologia; antes de guardar tantas coisas na cabeça, é muito mais facil acreditar num Deus omnipotente e arbitrario. Depois, a Sciencia admitte a controversia, e isso lhe é fatal Um certo numero de Doutores e Professores declara uma coisa. Vêm outros, que tambem se dizem Doutores e Professores, que contradizem os primeiros. Como fará o Povo para distinguir entre ambos os grupos? Como differençar o sabio sincero do charlatão habil? Na incerteza, elle começa a olhar ambos com desconfiança, e na primeira occasião voltará as costas ao novo padre, como fez com o antigo.

E o papel da instrucção? dirão. Certo é que esta seria a solução, dando á massa o modo de fazer-se por si propria uma opinião. Mas no estado actual de coisas, a instrucção que se póde dar ao povo não tem nada de commum com a instrucção que elle precisa. O que se faz agora não é instruir, é cathechizar; ensina-se a rezar os dogmas scientificos como se ensinava a rezar os outros. Não é assim que se conquista a confiança, sobre tudo se se utiliza este pretexto para ensinar dogmas não demonstrados como os da propriedade ou da patria. Um exemplo frisante é dado pela França, cuja frequencia escolar *diminue* e onde *augmenta* o numero de analphabetos.

***

O criterio actual do Povo é, já disse, puramente economico. Concede ou retira a sua confiança, segundo vê trabalhar por ou contra elle. A Sciencia, no momento presente, depende quasi inteiramente do poder economico: diz o que convem a este; no demais cala ou murmura. Na arte de curar o seu papel é immundo: trata de palliativos, faz impôr vaccinas e desinfecções em lugar de gritar bem alto que se a raça definha é por causa da pessima organização social. Bota formol num covil quando seria preciso destrui-lo e dar uma casa decente ao morador. Injecta sôros e vaccinas na gente que precisa muito mais de pão e repouso. Ordena medidas prophylactivas contra a variola e deixa crianças de seis annos trabalhar na fabrica dez horas por dia. Afinal faz como esse medico de comedia que applicava sanguesugas num enforcado, fingindo não reparar nisso. E com justiça o Povo perdeu a confiança na Medicina official.

Nos outros ramos: mechanica, physica, chimica . . . os seus esforços tendem unicamente a augmentar a producção diminuindo a precisão de braços, não se preoccupando das consequencias, quando não deveria apresentar um só melhoramento na producção sem exigir o melhoramento correspondente nas condições do trabalho. Até se entrega com exito á lucrativa industria das falsificações . . .

Nas lutas sociaes, toma bem francamente o partido do poder que a nutre, encerra-se bem na neutralidade hostil de quem está "acima disso.„

"Acima disso„ não está. Estaria, se não precisasse desse mesmo Povo para viver. Mas precisa, e portanto não o póde desprezar.

O Povo não tem preferencias metaphysicas: deu credito á Sciencia, porque ella — para desbaratar a Religião — prometteu-lhe melhorar a sua sorte. Muito longe disto, explorou-o sem tratar de remediar ao mal que fazia. Como o previu Renan, o porvir da Sciencia, que podia ser tão bello, póde acabar num abysmo de trevas: se ella não sabe alliviar os soffrimentos da Humanidade, o Povo preferirá tornar á Barbaria mais clemente do que a Civilização e responderá, cortando o pescoço dos futuros Lavoisier, como os de 89: a Revolução não precisa de sabios,

MARCELO VEREMA.

Como se tosquia o paciente rebanho da igreja



A renovação da Escola

(*Continuação*)

Do mesmo modo que souberam livrar-se de embaraços quando se manifestou a necessidade da instrucção, para que esta instrucção não se tornasse um perigo, assim tambem saberão reorganizar a escola segundo os dados novos da sciencia para que nada possa ameaçar-lhes a supremacia. São ideias, é certo, difficilmente acceitas; mas é preciso ter considerado de perto o que se passa e como se arranjam as coisas na realidade, para não mais se deixar illudir por palavras.

Ah! o que não se esperou e se espera ainda da instrucção! A maior parte dos homens de progresso della esperam tudo e é só nestes ultimos tempos que alguns começam a comprehender que ella não dá sinão illusões. Repara-se na inutilidade real desses conhecimentos adquiridos na escola pelos systemas de educação actualmente praticados, nota-se que se esperou em vão.

E' que a organização da escola, longe de corresponder ao ideal que della se forma facilmente, faz da instrucção, na nossa época, o mais poderoso meio de escravização nas mãos dos dirigentes. Os seus mestres não passam de instrumentos conscientes das suas vontades, formados, afinal, como são, segundo os seus principios, tendo soffrido desde tenra idade e mais fortemente que ninguem a disciplina da sua autoridade. Bem raro são os que escaparam ás garras deste dominio; continuam, aliás, impotentes, porque a organização escolar de tal maneira os enlaça que não podem deixar de obedecer.

Não me cabe fazer aqui a critica de tal organização. E' bastante conhecida para poder ser caracterizada com uma só palavra: Coacção.

A escola encarcera as crianças physica, intellectual e moralmente, para dirigir o desenvolvimento das suas faculdades no sentido desejado. Priva-as do contacto com a natureza afim de as poder modelar a seu modo.

Essa é a explicação de tudo o que apontei aqui: O cuidado que tomaram os governos de dirigir a educação dos povos e a fallencia das esperanças dos homens de liberdade. Actualmente a educação não passa de um amestramento de animaes.

Recuso crer que os systemas empregados tenham sido combinados com exacto conhecimento de causa para obter os resultados em vista. Isso faria suppor genio. Mas as coisas passam-se exactamente como se esta educação correspondesse a uma vasta concepção de conjuncto realmente notavel. Melhor não se poderia fazer. Para a levar a cabo, inspiraram-se muito simplesmente nos principios de disciplina e de autoridade que guiam as organizadores sociaes de todos os tempos.

Elles têm uma unica ideia muito clara e uma vontade: E' preciso que as crianças sejam habituadas a obedecer, a crer, a pensar conforme os dogmas sociaes que nos regem. Assim, a instrucção não pode deixar de ser o que é hoje.

Não se trata de secundar o desenvolvimento espontaneo das faculdades das crianças, de a deixar livremente procurar a satisfação das suas necessidades physicas, intellectuaes e moraes; trata-se mesmo de a impedir para sempre de pensar de modo differente daquelle que se pretendeu para conservação das instituições desta sociedade; trata-se de fazer della um individuo estrictamente adaptado ao mecanismo social.

Ninguem se admire, pois, de não ter tal educação influencia alguma sobre a emancipação humana. Repito: ella não passa de um meio de dominação nas mãos dos dirigentes. Estes nunca quizeram o levantamento, mas sim a escravização do individuo, e é perfeitamente inutil esperar seja o que for da escola hodierna. Ora, o que até agora se produziu ha de continuar a produzir-se para o futuro.

Não ha razão alguma para que os governos mudem de systema. Conseguiram servir-se da instrucção em vantagem propria e tambem em seu proveito hão de saber servir-se de todos os melhoramentos que forem propostos. Basta que mantenham o espirito da escola, a disciplina autoritaria que nella reina para que todas as innovações resultem em seu beneficio. E por isso hão de elles velar, podemos estar certos.

Eu quereria chamar a attenção dos que me lêem para esta ideia: E' que todo o valor da educação reside no respeito da vontade physica, intellectual e moral da criança. Assim como em sciencia não ha demonstração possivel senão pelos factos, assim não ha educação verdadeira que não seja a que é isenta de todo dogmatismo, a que deixa á propria criança a direcção do seu esforço e apenas tem por fim secunda-la nesse esforço. Ora, nada mais facil do que alterar esta significação e nada maia difficil do que respeita-la. A educação sempre impõe, viola, constrange; o verdadeira educador é aquelle que melhor sabe defender a criança contra as ideias, as vontades delle mesmo, que mais appella para as energias proprias da criança.

(*Continúa*)

FRANCISCO FERRER.

Os successos de Buenos Aires

A morte de Ramon Falcon, chefe de policia de Buenos Aires, é um acto de guerra social que não surprehendeu ninguem. Todos conhecem os antecedentes.

Ainda vive na alma popular, com estremecimentos de horror, a lembrança daquella terrivel hecatombe que no mez de maio deste mesmo anno innundou de sangue innocente as ruas da capital argentina.

Por occasião do Primeiro de Maio, data que o operariado de todo o mundo solenniza, reuniram-se na praça de Lorea de Buenos Aires, umas vinte mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, uns vinte milhares de honrados trabalhadores que iam commemorar num comicio popular aquella ephemeride do mundo consciente e laborioso.

A policia tinha já conhecimento do facto, as formulas legaes foram seguidas e o proprio Falcon tinha assignado a licença para que o comicio se realizasse.

Nenhum grito *subversivo*, nenhuma manifestação hostil partiu da multidão, que, rodeada por toda a parte de forças de cavallaria, percorria tranquillamente o seu trajecto, sem fazer caso das provocações da soldadesca desenfreada. O plano policial fracassava. Mas, de subito, lá surgio num automovel, que passou com a velocidade de um relampago, a figurinha rachitica do chefe de policia. A chacina começou.

Os *cosacos* tinham recebido ordem de matar á discreção e atiravam-se como vandalos por sobre a multidão inerme e espavorida, matando, ferindo e assassinando a torto e a direito sem que de nada valessem os lamentos das crianças nem os alaridos das mãis que supplicavam em vão clemencia áquellas feras.

A chacina foi horrivel. Mais de quinhentas pessoas encheram os hospitaes; e a Chacarita, o cemiterio dos humildes, recebeu no dia seguinte um grosso contingente de cadaveres, com que *o povo soberano* rendia tributo á selvageria dos quatro *neballecos* degenerados que emporcalham a inditosa terra de San Martin.

O povo pediu a gritos a destituição e o castigo daquelle miseravel; mas nada conseguiu.

As violencias redobraram, encheram-se os carceres, e muitos foram os que, mordendo os punhos, choraram na prisão a morte dos entes queridos que a selvageria policial acabava de lhes arrebatar.

E o facto previsto deu-se.

Mas os governos, as classes dirigentes, não aprendem, não se emendam. Persistirão nos methodos violentos que dão os resultados já vistos e não evitam a revolta, antes a provocam.

O exemplo da Argentina não aproveita mesmo aos demais governes. Não se pede já *repressão* (!) contra os anarchistas do Brasil, que nada fizeram?

A tyrannia morre impenitente. E a guerra social parece não ter fim, a não ser com a victoria de uma das classes em luta. Que o triumpho seja o da liberdade e que a violencia se torne, com elle, para sempre inutil e impossivel!

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Visconde de Sapucahy;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

INFAMIA

A expulsão de Rossoni

A policia do Sousa Aguiar paulistano, sempre servil aos interesses do capitalismo, tantas infamias mandou dizer ao dr. Esmeraldino Bandeira, ministro da Justiça da União, que este, em data de 9 do corrente, expediu um acto expulsando do Brasil o nosso querido amigo Edmundo Rossoni, grande criminoso que ousou, nesta Republica de frades e freiras, fundar uma escola racionalista, e que, tambem, nesta republica prostituida, que é bem a messalina carcomida de syphilis prevista por Julio Ribeiro, ousou cair no desagrado de dois ricos capitalistas—o conde papalino Asdrubal do Nascimento e o escravista Antonio Prado, o primeiro paulista que, por espirito de imitação da apodrecida nobreza franceza, fez entrar no seu lar um confessor e director espiritual da sua familia, na pessoa de um masmarro francez.

Com base num infame inquerito feito á revelia da victima, que então estava presa no xadrez do Posto de S. Caetano e depois no da Central, a policia paulista pediu a expulsão e o governo de *paz e amor* do mulatinho campista, na phrase velha, mas sempre verdadeira do ex-governador do Rio de Janeiro sr. Francisco Portella, a concedeu não sem alguma reluctancia, pois o proprio acto de expulsão é nullo e insubsistente, por não declarar, como tem resolvido o Supremo Tribunal Federal ser imprescindivel, o motivo da expulsão, afim de ser apresentada a defesa.

A policia do sr. Washington Luiz, vulgo W. de Sousa, de posse do acto de expulsão, para effectuar a prisão de Rossoni chegou a violar, á noite, o domicilio do nosso amigo Benjamim Mota, que se achava ausente, mas que, chegando a sua casa nessa occasião, soube energicamente, declarando que empregaria, se tanto fosse preciso, a força, fazer valer seus direitos, pondo immediatamente na rua o secreta que havia penetrado no seu domicilio e o famigerado dr. João Baptista de Sousa.

Como não conseguisse nessa noite arrancar do tecto amigo que o abrigara a Edmundo Rossoni, a policia, com grande apparato de força, deixou guardada a residencia daquelle que, resoluto na defesa dos seus direitos a expulsou do seu domicilio, e no dia seguinte, pela manhã, ali foi buscar a victima promettida ao conde papalino Asdrubal do Nascimento, em troca de uma boa gorgeta.

Os lacaios são sempre assim. Servem aos seus amos docilmente á espera que venham os nickeis recompensar-lhes a fidelidade.

Preso, foi Rossoni conduzido ao posto da Consolação, e depois de identificado, no mesmo dia embarcado pelo nocturno para o Rio de Janeiro, afim de seguir no *Cap Arcona* para Boulogne-sur-Mer.

Devem estar satisfeitos o sr. W. de Sousa e o ex-delegadinho acanalhado Carlos Sampaio Vianna, que, como recompensa do seu zelo, já foi nomeado, a pedido do arcebispo Duarte Leopoldo, para o cargo de chefe do gabinete de identificação.

Devem estar satisfeitos... mas Rossoni, que ora goza, num magnifico transatlantico, as delicias do ar purissimo do oceano, deve estar já escrevendo, para fazer publicar nos jornaes da Italia e da França o elogio do *servilismo* paulista e desta Republica de mentira que impingiram ao povo brasileiro republicanos sem sinceridade e os adhesistas de todos os tempos e de todos os governos.

Tanto melhor. Assim, os filhos da Italia, que aqui têm vindo fecundar com o seu suor as nossas terras, embellezar as nossas cidades e fazer prosperar as industrias, comprehenderão que é melhor emigrar para a Africa ou para a Turquia do que para um paiz onde as leis são violadas todos os dias no interesse do capitalismo sem entranhas e da clericanalha insolente e criminosa.

Bon appétit, messieurs!

Mas não se queixem quando o povo trabalhador, cançado de tanto soffrer, disser: basta!

Não se queixem quando os que virem a sua fortuna compromettida pela falta de braços entrarem pelos palacios governamentaes e varrerem-n'os a chicote da administração do Estado e não se queixem tambem, se os anticlericaes, diante de tão infame subserviencia á vontade dos masmarros commandados pelo geral dos jesuitas, se resolverem a fazer uma obra purificadora.

Aos nossos amigos e todos os anticlericaes, lembrando neste momento que a expulsão do nosso querido companheiro Rossoni é obra dos jesuitas de batina e de casaca, pois o conde Asdrubal não é senão um jesuita disfarçado, devemos recordar-lhes que o dever de todos os homens livres é combater os que trabalharam para a expulsão de Rossoni, ferindo-os no que elles têm de mais sagrado—o dinheiro.

Asdrubal poderemos combate-lo pelo *boycote* da sua adorada cerveja Antarctica, tornando-o cada vez mais rigoroso, afim de que elle comprehenda—vendo diminuir a venda da bebida que o enriqueceu, que os homens livres sabem guerrear tambem os seus adversarios e inimigos das liberdades publicas.

W. de Sousa, que se apegou ao osso da policia, porque é incapaz de ganhar de outra forma a vida: a sua ignorancia e estupidez, não lhe permittindo exercer a profissão de advogado, devemos combate-lo tenazmente, trazendo a publico as mazelas da sua vida, afim de que elle, desmoralizado perante a opinião, se veja na obrigação de demittir-se do cargo que exerce no governo do Estado.

Mas, não devemos parar ahi com o nosso protesto. Jornaes ha em S. Paulo — o caduco *Correio Paulistano* e um vespertino inominavel dirigido por uma messalina de calças — que devemos tambem *bcycotar*, não comprando-lhes um só numero, pois esses jornaes não tiveram uma palavra de protesto contra o assassinato de Francisco Ferrer, e agora, diante da expulsão de Rossoni, applaudem a infamia praticada.

Verberando, pois, essa infamia praticada por uma colligação de interesses immoraes, nós, que devemos sempre indicar uma tactica a empregar contra os nossos inimigos, pedimos aos bons anticlericaes, livres-pensadores e homens livres do Estado de S. Paulo que NÃO BEBAM ABSOLUTAMENTE CERVEJAS OU OUTROS PRODUCTOS DA COMPANHIA ANTARCTICA e não comprem mais similhantes jornaes.

Assim, talvez, criem um pouco de vergonha esses jornalistas ganhadores, que fazendo um jornal reaccionario e indecentemente servil aos interesses dos ricos, visam sómente ganhar dinheiro para irem gastal-o nas casas de jogo, no *Automovel Club*, da qual é socio eminente o sr. W. de Sousa.

Os jesuitas

> Os jesuitas juntam-se sem se conhecerem, vivem sem se amarem e morrem sem se chorarem.
>
> (BORGES GRAINHA, *Os Jesuitas*, cap. XIX, pag. 199).
>
> O jesuitismo propaga-se sempre na razão directa da ignorancia de um povo e na razão inversa da illustração desse povo.
>
> (Id. id., cap. XXXI pag. 363).

Agora que o jesuitismo alcançou mais um triumpho na Hespanha com o infame assassinato de Francisco Ferrer, director que foi da Escola Moderna, de Barcelona, e para o qual contribuiu poderosamente; agora que o jesuitismo, póde dizer-se, carregou-se com mais um crime do qual nunca será absolvido, agora, repito, vem muito a proposito recordar mais alguns da longa série commettida pela muito celebre: *Companhia de Jesus*. Ora bem. Ninguem ignora que Ignacio de Loyola (1492—1556) foi o fundador da Companhia de Jesus ou de Jesuitas e que elle era hespanhol, mas o que certamente nem todos sabem é o procedimento desses jesuitas para com a sociedade civil no decorrer dos 469 annos que nos separam da fundação da celebre Companhia, e que, em seguida, baseado na Historia, vou resumir em poucas linhas.

* * *

Após á fundação da famosa Companhia (1540), os jesuitas foram se introduzindo pouco a pouco em toda a parte á maneira de salteadores: em 1540, em Portugal e na Italia; em 1549, no Brazil; em 1556, no Chile; em 1576, na Venezuela, e assim successivamente em todos os demais paizes da Europa, Asia e America.

Tornados cosmopolitas, os jesuitas apoderam-se successivamente do confessionario, do pulpito, da tribuna, da escola, da imprensa, das consciencias dos reis e das dos povos, e as suas riquezas vão crescendo na mesma proporção da sua terrivel influencia.

Chega, porém, um tempo em que, mercê dessas mesmas riquezas, accumuladas por toda a sorte de artificios (*), elles se tornam orgulhosos, arrogantes, soberbos, vaidosos e intrigantes a tal ponto, que os reis e os papas, por muitas vezes, se vêem obrigados a fulminal-os com editos e anathemas. Mas, elles não temem as ameaças dos reis, nem as excommunhões dos papas porque são os senhores das consciencias das embrutecidas massas, a quem, em occasiões opportunas e ao seu bello prazer, incitam á rebellião e á pilhagem.

Confiados nisto, os jesuitas sublevam os subditos de Henrique III, não para emancipal-os mas por interesse proprio, o qual, a instigação dos mesmos jesuitas, morre assassinado (1589); preparam a noite de S. Bartholomeu (1572), que custou a vida a 70 mil protestantes; sopram as guerras entre estes e os catholicos (1559—89); atiçam a guerra européa dos 30 annos (1618 -48); tramam muitas conspirações na Inglaterra, das quaes a mais celebre foi a da polvora, em Londres, cujo fim era fazer voar o parlamento com todos os lords (1605); apunhalam Henrique IV, rei de França (1610); ateiam o fogo a Londres (1666), cujos desastrosos effeitos arruinaram duzentas mil pessoas; tentam assassinar a José I, rei de Portugal (1758); finalmente tornam-se tão temiveis e concitam contra si tantos odios, que o papa Clemente XIV (Lourenço Ganganelli, 1705-74), instado pelos reis e pelos povos, vê-se obrigado a supprimir a famosa Companhia (1773), e os jesuitas são perseguidos e expulsos de todos os paizes como cães damnados.

Em 1762, isto é, 11 annos antes de ser abolida, a Companhia de Jesus foi processada pelo parlamento francez por causa de uma divida de 1.500.000 libras esterlinas (24 mil contos de réis) a um banqueiro marselhez.

Ignacio de Loyola tinha obrigado os seus *humildes filhos* a fazer voto de pobreza; mas quando a Companhia foi supprimida as suas riquezas em valores fundiarios e propriedades immoveis orçavam em cerca de um milhão de contos de réis.

Finalmente vou terminar este artigo, não sem dizer primeiro que foram ainda os jesuitas que envenenaram 8 papas: Sixto V e Urbano VII, em 1590; Innocencio IX, em 1591; Clemente VIII, em 1605; Leão XI, no mesmo anno; Innocencio XIII, em 1724; Clemente XIII, em 1769, e Clemente XIV, em 1774.

Supprimida officialmente por Clemente XIV, em 1773, a Companhia de Jesus foi officialmente restabelecida pelo papa Pio VII, em 1814, e ainda subsiste para castigo e vergonha da pobre humanidade, ignorante e credula.

JOSÉ MARTINS.

(*) Vide a pequena mas interessante obra de Ignacio de Loyola, intitulada *Los Jesuitas*.

Escola do Commercio

Os alumnos do 2° anno da Escola de Commercio Alvares Penteado nos communicam, em carta, que o âbaixo assignado corrido entre os alumnos, pedindo a conservação da legação junto ao Vaticano, foi ali apenas subscripto por 12 dos 360 alumnos. Entre esses 12 havia um que declarou que era catholico porque seguia os preceitos de Augusto Comte.

Irra!

Para o proximo numero

S. Francisco ou a verdadeira bosta de vacca, artigo de Motta Assumpção.

A desapparição de uma menina de um collegio de padres.

«A Lanterna» *em S. Roque.*

A conclusão do manifesto academico, que nos é impossivel publicar neste numero.

O que se faz nos seminarios, continuação da interessante narração do ex-padre Bigliazzi.

«A Lanterna» *no interior*, correspondencias de Ribeirão Pires, Mattão, S. Roque. Manifesto ao povo de Itatiba.

Ecos & Notas

Bençam episcopal

Dentro de um enveloppe, cujo endereço foi feito com o de nosso cabeçalho, cortado a tesoura, recebemos, collado a um cartão do arcipreste Ezechias Galvão da Fontoura, um recorte de jornal que noticia sob a epigraphe *Bençam* episcopal, que em data de 3 do corrente o bispo de Uberaba abençoou a *Lanterna de Diogenes*.

Teria sido o proprio sr. arcipreste quem se deu ao trabalho de nos transmittir tão importante nova?

Seja como for, muito grato ficamos a quem nos communica tão importante facto, pois que — Lanterna abençoada é lanterna apagada.

Crime sobre crime

Publicaremos, no proximo numero, o retrato de mais um miseravel *d. Juan* de batina que em Lage, Bahia, deflorou nada menos de 12 de suas confessandas.

Junto ao retrato dessa fera, cujo aspecto aterrorira deveras a quantos se aproximam dos tonsurados, daremos o retrato de algumas victimas.

E a efficacia dos preceitos dessa religião, a unica verdadeira, no dizer de seus bonzos, onde se encontra que seus proprios sacerdotes são os que fornecem, quotidianamente, exemplos de perversidade, commettendo os mais nefandos delictos sob o tecto dos templos?

Azorraguemos esses crapulas!

A questão do cruzeiro

Havendo a padralhada de Campinas derribado um cruzeiro para attribuir o facto aos anti-clericaes e chamar sobre elles as iras do povo que vai á missa, o elemento emancipado da vizinha cidade publicou um ponderado e criterioso manifesto donde resalta, claramente, que a autoria desse caso recae exactamente sobre o clericalismo.

Porque não é de hoje que a igreja, quando está se vendo ás moscas, recorre espectaculosamente a essas scenas de desaggravo, para attrair a attenção do povo e poder angariar fartos donativos.

São dois proveitos que cabem num sacco só: calumniam e arranjam cobres.

"A LANTERNA" em Santos

PELA JUSTIÇA

Deu-se nesta cidade um acontecimento gravissimo que os jornaes locaes publicaram sob a epigraphe «Conflicto na Ilha Barnabé».

Neste conflicto em que desgraçadamente estão envolvidos varios operarios, saiu ferido gravemente Francisco Perdigão, homem já de idade avançada, assim como um filho menor e sua mulher.

Como os aggressores têm certa influencia, pois que possuem algum dinheiro, fala-se na impunidade dos mesmos, e, ainda mais espantoso, na condemnação do pobre velho, caso saia com vida do hospital!

Eis como se deu o conflicto, por questões de medição de terrenos:

Estando em casa Francisco Perdigão, junto de sua familia, sentiu chamar por seu nome, fóra; saiu e depararam-se-lhe os tres irmãos Martins e mais dois individuos que o convidaram a medir os terrenos. Este ponderou que a hora era impropria (7 horas da noite), que no dia seguinte fariam esse trabalho. Os outros que, como se nota, já iam com o intuito de provocar conflicto, a nada attenderam e aggrediram Perdigão de faca em punho.

Aos gritos do velho, que já tinha varios ferimentos, acudiramseu filho, Manuel Perdigão, e sua mulher. O pequeno, vendo o pai banhado em sangue, aggrediu á faca um do grupo, dando tempo assim a seu pai para fugir da sanha dos scelerados, que já lhe tinham vibrado 8 facadas, atirando-se ao mar.

Vendo que lhes fugia a presa, os selvagens aggressores saciaram seu torpe intento no pequeno e na mulher, ferindo ambos!

Covardes! Scelerados! Envergonhai-vos, salteadores, de não respeitar uma mulher! Fugi de Santos, velhacos, para que não vos possa a população santista lançar em rosto todo o seu desprezo por acção tão cruel e infame.

Ainda depois de tanta crueldade, andam ameaçando de morte a Manuel Perdigão, como se pode ver pela queixa que este fez ás autoridades. E' o cumulo da malvadez.

Ao que nos consta, em tudo isto anda influencia de terceiros; só assim se explica o já terem sido postos em liberdade os aggressores, falando-se na provavel prisão do infeliz Francisco Perdigão, caso saia da Santa Casa, pois como acima fica, o seu estado é grave.

Esperamos que as autoridades cumpram o seu dever, salvaguardando e desforçando essa familia tão vilmente ultrajada.

E sobre tudo esperamos que Perdigão ao sair do hospital seja restituido a seu lar, á sua mulher, a seus filhos, a seu labor de operario honrado.

SANTOS JUSTO.

FOLHETIM 6

GOLIARDO E RATALANGA

O "ASNO" NA LUA

FANTASIA INVEROSIMIL

No mundo da Lua

— Muito prazer,.. Queira desculpar, caro senhor Pensamento.

O velho coçou as sobrancelhas:

— Senhor?... Entre nós não ha senhores. O ser seria uma infamia para o ente e perigo para a sociedade.

— Tendes razão e perdoai a ignorancia... Dizia, então, que nós da Terra temos sempre considerado a Lua deshabitada e inhabitavel.

— Isso não me maravilha!... Porém olhai, que povo vivo enriquece com sua presença estas regiões. Olhai lá longe.... visto como aqui estamos numa parte deserta, por um motivo que comprehendereis depois.

— No quarto dia Deus criou a Lua e as estrellas.

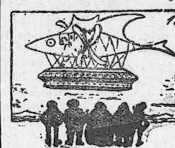
— Monsenhor, conservai-vos um pouco atrasado. Hoje, até os vossos theologos, como Stopani, dão ao *dia* da creação o significado de *épocas* longuissimas.

— E' sempre a igreja—notou Ratalanga — que se adapta e se curva ás descobertas scientificas, que, de outro modo, despedaçariam os seus dogmas.

— Monsenhor enfureceu-se:

— Senhores!... Si offendeis a verdadeira fé, vou-me embora!..,

— Para a Terra?... Seria um pouco perigoso, monsenhor, mesmo com a ajuda de Deus!



O mau humor do reverendo dissipou-se com a passagem repentina de um comboio aereo sobre nossas cabeças.

— Que é isto?

— E' um expresso, como dizeis, que leva os jovens á escola cinematographica.

— Oh! Vamos tambem!... Mande parar a machina!

— Não serve — disse o velho. Iremos por um meio mais commodo.

E voltando-se para um lunar que repousava tranquillamente sobre as azas, disse algumas palavras incomprehensiveis para nós.

O mensageiro levantou-se, estendeu as pennas e desappareceu no espaço.

Ratalanga aproveitou o descanço para continuar o seu questionario.

— Dizem tambem—desculpae si vos offendo — que a densidade, o peso especifico do vosso astro é inferior de cerca de metade do nosso.

— Que mais?

— E que não tendes ar respiravel...

— Pelo que parece, vós respirais?

— E' isso que nos maravilha! Dizem ainda que em consequencia da menor attracção da massa lunar os corpos são, no vosso solo seis vezes mais leves que na Terra.

— Indubitavelmente, no vosso globo os homens são mais pesados.

— Oh! Sim! Sonnino, Torraca, Rudini, por exemplo... Como, então a lua, que nos apparece agora tão rica de vegetação, de agua, de seres vivos, mostra-se a nosso olhar terreno deserta e esqualida nas suas landes sem fim, nos seus valles semelhantes a crateras extinctas — que os nossos astronomos chamam «Mare Tranquillitates», «Mare Serenitates,» etc., e nas suas montanhas aridas e nuas, da qual a mais alta toma o nome do nosso grande Leibnitz?

— Muita coisa, caro terrestre, vos parecerá extranha e impensada aqui.

— Não me arrependo de ter vindo, disse eu. A Lua me foi sempre sympathica desde quando eu lia os poetas arcadicos que a immortalisaram como

«ermitão aereo
Tranquillo astro de prata.»

— A prata—observou o commendador—está em baixa.

— E quantas vezes chorei com o «Pastor Errante» do nosso Leopardi, contemplando a Lua...

— Perdoai se insisto—disse. Ainda não nos explicastes porque a Lua apresenta, aos telescopios terrestres, um aspecto tão differente da realidade.

— Isso — disse o velho sorrindo — é o nosso segredo.

— Que nunca poderemos saber?

— Dil-o-ei a vós do *Asno*, por ultimo, antes de mandar-vos de novo para a Terra, mas com uma condição: que o não reveleis a ninguem, comquanto possa encher-vos de admiração.

Levamos uma das mãos ao peito.

— Juramos, pela nossa honra de jornalistas!

Os tormentos de monsenhor

Monsenhor Sottogolla e o commendador Ventresca tinham-se afastado e confabulavam em voz baixa, como conspiradores.

— E então? O que é, monsenhor?

O reverendo animou-se e approximou-se de nós:

— E' que... diziamos... o commendador... Não é verdade, commendador?...

— Sei... sei... Diziamos... Que não se janta, então?

O nosso cicerone estalou em riso.

— Perdoai, egregios terrestres, tendes muita razão! Mas é tal o nosso habito de não comer, que nos tinha esquecido as vossas necessidades!

O capitão deu um pulo:

— Não comeis?... Mas si o comer é a mais doce satisfação do homem!

— Certamente, para o sêr inferior; mas para nós, substituimos, á do ventre, satisfação muito mais elevada: a do intellecto.

— Quanto a mim—disse o commendador Ventresca—um prato de macarrão e um frango valem mais do que uma symphonia de Beethoven ou do que um canto de Dante.

— Quando se tem fome — respondeu o lunar. Mas, si não se sente o estimulo da garganta e do ventre, a comida torna-se indifferente. Nós alimentamo-nos com um calix de alimentos concentrados. todas as manhãs; sómente a parte que o organismo assimila, e dahi não ha mais necessidade de dejecções e atrophiamento dos intestinos, orgãos inuteis para nós.

Nesse momento chegava o mensageiro com um naviosinho aereo, que fez descer lentamente perto de nós.

— Será bom—disse cortezmente o velho — que comam aqui. O espectaculo de um repasto humano, comquanto nosso povo conheça os varios estadios da evolução animal—seria muito ridiculo em publico.



ROL DOS CULPADOS

Proezas fradescas

TONSURADO LIBIDINOSO E PORCO

Em additamento aos telegrammas enviados de Santa Catharina, recebemos cartas que fornecem pormenores ineditos sobre o crime de frei Herculano Limipinzel, que acaba de ser preso em Porto Alegre.

Convem assignalar que a imprensa daquelle Estado não tem querido publicar, sobre o caso, sinão algumas notas ligeiras.

Diz o amigo que nos escreveu:

"Um frade, gordo, obeso, tratado a leite e a vinho de uva, que foi vigario em S. José e que está hoje no Gaspar, no norte do Estado, chamado Herculano, está num embrulho medonho. Quando estava em S. José, elle doutrinava as creanças nos escuros quartos do convento, lá pelas bandas do nosso Chico Camara. Na doutrina andavam, além de outras, tres meninas de 12 annos, uma desconhecida e as outras conhecidas, estando agora uma no Rio e a outra cursando na capital o 2º anno da Escola Normal. Frequentando a doutrina, foram as **tres (tres!)** meninas (com 12 annos de edade!) defloradas pelo tal frade. Foi removido o frade; as meninas sahiram de S. José, e a tal desconhecida veiu para a Palhoça. De nada se sabia; tudo foi mysteriosamente occulto, até que num dos dias da semana passada desvendou-se tudo. Foi raptada a tal desconhecida (que é uma bella menina, civilisada, conhecendo francez, allemão, musica, etc.) e, dada queixa, vai a moça á autoridade, á qual faz todas as mais pesadas revelações contra o frade. Perguntada qual o autor da sua desgraça, ella responde, soluçando, ser o padre Herculano. Imaginem que espanto! — Ha que tempo? — Cinco annos. (Ella está hoje com 17 annos!).

Tomado o depoimento, ella, para prova, exhibiu diversas cartas do padre, escripta do Gaspar, e obedecendo a uma cifra especial. Em algumas a linguagem é tão immoral que enrubesceria o mais porco dos homens. O sr. Alberto Cotrim, tio da victima, tenente do exercito, e o capitão dr. Pedro Taulois tratam do processo. Foram aos jornaes da capital e nenhum quiz publicar algo do assumpto. Vão publicar em boletins.

Os frades de S. José constituiram advogado e a causa marcha.

A moça declarou que foram companheiras de infortunio, no mesmo tempo, as duas mocinhas já referidas. O povo está indignado.

O frade assignava as cartas com as duas syllabas do nome. Na cifra das cartas o *A* tinha o valor de *B*, o *B* de *C*, o *C* de *8* e assim por diante, ficando o *Z* com o valor de *A*.„

* * *

Veja o publico de que modo estão aptos para o mal esses miseseraveis. E pense quantos e quantos casos similhantes não ha, e que estão occultos. Este, de que tratamos, esteve no mysterio 5 annos.

Até que ponto chega a libidinagem de um sujeito que se diz ministro de Deus! Quanta perversidade! E esse Deus consente que seu ministro lance á prostituição e á desgraça tres infelizes creanças!

Com certeza os collegas de frei *Lano*, lá da Basilica, hão de o defender pelo *Santuario*. Esta caterva é muito solidaria...

* * *

Leiam as cartas que o monstro endereçava á sua victima. Estas são as que podem ser publicas, que as outras são peores que a theologia do padre Gury:

«Ida. Amada Ida. Minha querida. Estou muito aborrecido. Perdi a esperança de possuir-te e perdi a de tuas palavras, porque nunca sustenta o que disseste.

Se a força maior nos separasse, a separação não impedia o amor, mas se vejo falta de bôa vontade e falta de sinceridade é outra cousa. Nestas condições, me retirarei e não contarei mais contigo, e não contes mais commigo para o futuro. Mas antes de romper as relações te mandarei mais uma quantia para teres no futuro algum recurso. Se não me queres bem e tens outros amores, de certo tens quem cuida de ti. Foi um sonho de felicidade para mim, ter-te perto de mim e cuidar no teu futuro. Já este cuidado, me causava uma immensa satisfação. Mas foi um sonho! e não passou de um sonho, porque tu não estás disposta para fazer sacrificio. Eu fiz o que pude, e se visse possibilidade de fazer mais, eu faria de muito bôa vontade, mas por causa do segredo não posso fazer mais. Hontem recebi a licença do bispo para vender uma parte do terreno da capella do Gasparinho. Queria reservar uma parte para ti e por emquanto reservo. Reservar uma parte para ti e por emquanto é escusado dizer que eu não falo na impossibilidade de vir agora por causa da doença, não, eu sinto a doença e me afflijo, mas a doença não me fazia perder a esperança. O que me faz (?) perder a esperança foram tuas cartas. Desde que nos separamos, quando se mudaram até hoje tratei de cuidar na nossa união. Logo que cheguei aqui te escrevi mas o anno inteiro não tive resposta. Quando fui a S. José em outubro, cuidei de encontrar-te. Não encontrei-te mas tirei do livro dos baptisados o nome inteiro da avó e escrevi de novo. Afinal veiu a resposta. O resto tu sabes. Já pensava que estava tudo arranjado, mas de repente me fazes perder toda a esperança e perder a confirnça em teu amor. Isto me causou um abalo grande. Que fazer no futuro desde que não posso mais contar contigo? Se eu vir que teu amor não passa de palavras de certo pouco a pouco hei de entregar-me á minha sorte e acabar com as illusões que tive. Minha vida tomará outro rumo. Algum dinheiro te mandarei ainda, em prova do meu amor e por causa do passado.

2 de Maio. Estou em Gasparinho, mas estou doente de defluxo, febre, dôr de cabeça, dores no corpo. Mas tive de fazer todo o serviço e de tarde tive que sacramentar um doente. Me custou muito, mas tive que ir. Depois examinei um pouco o terreno, que tinha tido tenção de reservar para ti. Por emquanto reservarei, embora sem ter esperança de precisar disto. Na outra semana virá o bispo. Nesta semana terei muito que fazer com as preparações para a recepção, etc. Por isso não esperes resposta, se por acaso escrever-te. Só poderei responder depois de o bispo ter ido embora. Se não tiver mais tempo, desde já te dou os meus parabens para o dia de teus annos (19). Teria tido muita satisfação de o festejar aqui comtigo — mas... Adeus querida, mil beijos do teu Lano.»

Aqui está a traducção da carta cifrada, com alguns erros.

Na quarta folha ha a seguinte carta, sem estar cifrada:

«Indaguei para ver se achava uma collocação para ti. Num lugar distante d'aqui 2 horas querem abrir uma escola mas preferem um professor. Se tu fosses um moço era melhor, já estava tudo arranjado; mesmo eu podia falar mais francamente e sem receio de má interpretação, se tu te pudesses apresentar como moço. Vamos ver porem, o que se póde fazer. Te escreverei. Por emquanto paciencia. Saudades do teu (Protector).»

Ahi fica estampada uma das cartas de frei Herculano.

Ahi fica uma prova do valor dos sentimentos caridosos.

Ahi os homens honrados, de todas as crenças, terão uma prova dos perigos que correm suas filhas quando entregues a frades.

Sabemos que os franciscanos em S. José estão agindo no sentido de fazer a justiça silenciar sobre facto tão altamente immoral.

* * *

Damos ainda a transcripção de um boletim distribuido em Florianopolis e que contem um questionario á victima do beato Lano e a resposta:

Eil-o:

«Florianopolis, 25 de outubro de 1909.

Senhora D. Ida Celestina Dias.

A bem da verdade, da justiça, da tranquillidade dos chefes de familia e da moralidade, peço-vos responder junto a esta o seguinte:

1º Alguem influiu no vosso espirito no sentido de levantar uma calumnia contra frei Herculano Limpinsil?

2º Confirmais as declarações feitas na Palhoça e Florianopolis?

3º Jurais pela vossa fé serem reaes os os factos declarados?

4º Podeis precisar, mais ou menos, a época em que directamente attentou, por palavras ou gestos, contra vosso pudor?

5º Seria possivel relatar com a maior clareza tudo que frei Herculano disse e empregou?

6º Antes do vosso estupro costumava o citado frade mimosear-vos com perguntas?

7º Depois da vossa desgraça continuastes a receber noticia do vosso estuprador?

8º As cartas cifradas, hoje no dominio publico, reconheceis ou reconhecereis se são as que frei Herculano enviava do Gaspar?

9º Jurareis, se preciso fôr, que são reaes e positivas as informações que vos servirdes dar?

10º A bem da moralidade publica e salvação da sociedade, autorizais, se preciso fôr, o uso que bem entender das vossas respostas?

(Assignado):

Alberto de Bittencourt Cotrim.»

Illmo. sr. Alberto Bittencourt Cotrim.

Em resposta a esta carta tenho a declarar o seguinte:

Quanto á 1ª pergunta: não. A' 2ª, sim, confirmo. A' 3ª, sim, juro. A' 4ª, sim, tinha eu a idade de doze annos incompletos quando comecei a receber presentes, como santinhos, meias, dinheiro, etc.; neste tempo foi quando o padre Herculano teve a primeira união commigo. A' 5ª, o meio era eu ficar presa no collegio, muitas vezes chorando, quando então recebia do mesmo padre doces, fructas, beijos, etc. A' 6ª, sim, sim, como na resposta da 5ª pergunta. A' 7ª, sim, dinheiro, cartas cifradas e não cifradas, impressos, as quaes estão no dominio publico. A' 8ª. sim, reconheço. A' 9ª, sim, juro. A' 10ª, sim, autorizo.

Palhoça, 28 de outubro de 1908.

Vossa criada — *Ida Celestina Dias.*

A presente carta tem a firma reconhecida no tabellião da Palhoça.

Aos homens de honra entrego o julgamento do que neste se contem.

Alberto Bittencourt Cotrim.»

O resto está no dominio publico.

São estes os fructos da moral religiosa!

São estes os fructos do clero santarrão!

Para trás, bandidos!

Livremos das garras desses monstros os nossos filhos!

Joanna d'Arc

A proposito de Joanna d'Arc, essa «bella e valente rapariga», segundo Michelet, nascida em Domremy, filha terceira de Jacques Darc ou d'Arc, e de Isabel *Romée* e ultimamente beatificada pelo papa Pio X, encontramos em um periodico um artigo de Gastão Pinto, que assim começa:

"Em todas as épocas da vida dá igreja, a Historia faz ver a faina dos corypheus do atheismo, o grande empenho com que os inimigos do sobrenatural envidam esforços para apagar toda a manifestação do divino.»

Ora, o autor deste artigo, que é um seminarista, já vem demonstrando, á saciedade, a sua má fé e a sua refinada hypocrisia; e o veso antigo de attribuir ao atheismo tudo quanto de absurdo a igreja tem praticado ainda uma vez resalta nestas linhas.

Não é nosso intuito estudar Joanna d'Arc, que na época e no meio em que nasceu, profundamente devota, teria de ser, forçosamente, atacada de nevrose, dessa nevrose mystica a que devemos os santos da igreja, e que produzia, do mesmo passo, beatos e malditos.

Só queremos patentear que os inimigos da donzella d'Orléans foram os proprios dignitarios da igreja, foram esses que a taxaram de embusteira, e, conseguintemente, a prevalecer as conclusões de Gastão Pinto, são elles os atheus.

E' sabido que os inglezes entregaram Joanna d'Arc a Cauchon, bispo de Beauvais, que, a 9 de janeiro de 1431 deu começo aos autos. O frade que representava a inquisição, percebeu do cardeal inglez Winchester 20 soldos de ouro, e por essa quantia vendeu-se.

Os patifes que a julgaram chegaram a lhe perguntar si quando o anjo lhe apparecia *estava nú?* (Proc. ed. Buchon, pag. 75, 1827.) Loyseleur, um padre normando vendido aos inglezes, ouvia em confissão a ingenua rapariga, emquanto os escrivães, occultos, ouviam e annotavam. E venham affirmar que a confissão é secreta!!

Joanna foi condemnada á fogueira pelos crimes de scisma, idolatria, invocação dos demonios, confórme o theor da sentença lida pelo bispo de Beauvais e formulada por um tribunal de ecclesiasticos, vendidos aos inglezes alguns, outros agindo pelo terror que experimentavam da soldadesca.

Portanto, o atheismo não entrou na questão, segundo a má fé ou ignorancia de Gastão Pinto quer fazer entender.

Eis ahi a igreja em luta comsigo mesmo.

Ha tempos é o papa que tenta reparar o erro beatificando a donzella, agora é um noviço theologo que para defender seus collegas carrega contra o atheismo.

Essa Joanna, que naquelle tempo logicamente seria o que foi, morreu queimada! Era uma visionaria. Era uma frequentadora assidua da igreja e do confissionario. Era uma nevrotica, nascida e criada em meio de lendas mysticas e, tambem, entre o fumo e os reverberos da guerra.

Fez-se, a um tempo, soldado e propheta. Teve a espada e a cruz em uma só mão. Allucinada, operou prodigios.

Mais felizes foram Alaquoque, Thereza de Jesus e outras que, atacadas da mesma doença, fizeram-se santas sem terem sido queimadas.

Mas, e tal é o escopo das presentes linhas, fique bem patente a má fé deste seminarista que não é capaz de dizer a verdade sabendo muito bem que Joanna d'Arc foi perseguida e morta pelos dignatarios da igreja e em nome dessa propria igreja.

Escola Moderna

Em numerosa reunião de livres pensadores, realizada no dia 17 do corrente, nesta capital, ficou resolvida a fundação de uma Escola Moderna que seguirá os programmas da escola fundada em Barcelona pelo grande pensador Francisco Ferrer.

Ficou constituido um comité para tratar de organizar conferencias e festas em beneficio da escola, e desde já contam os seus fundadores com valiosos auxilios, entre elles o de um terreno que foi doado afim de se fazer delle um sorteio em beneficio da escola.

Amanhã, em local que será annunciado, realizar-se-á uma nova reunião, e nella, oradores que falarão em diversas linguas, exporão os fins da Escola Moderna e o programma de ensino que será adoptado.

O comité organisador já fez communicações a todos os livres pensadores do Estado de S. Paulo e tem recebido varias e importantes adhesões desta capital e do interior.

Solicitamos instantemente de todos os companheiros o envio de nomes de pessoas que provavelmente assignarão *A Lanterna*.

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) terá direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Magnificamente impressa em papel de luxo, com o retrato de Ferrer na capa, esta polyantheia publica artigos e poesias sobre Ferrer e a sua obra; a exposição de principios e estatutos da Liga Internacional para Instrucção Racional da Infancia; notas bibliographicas sobre as publicações da Escola Moderna, etc.

PREÇO VOLUNTARIO

Retratos de Ferrer

Um amigo poz á venda em nossa redacção, ao preço de 2$, diversos exemplares de uma boa photographia do grande martyr.

FOLHETIM (6)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

II

Atravessáram um varzedo immenso, resequido, fendido pelo calcinante sol, com o esverdeado vitreo de pantano onde vegetam algas. Prados extensos de goiabeiras extendiam-se a perder de vista orlando as duas margens da estrada; de distancia em distancia abria-se um pequeno bosque de mangue pintalgando com as suas folhas envelhecidas e rubras o verde fulvo daquella vegetação vergastada pela inclemente secca. Lá em baixo, era o Paraopeba, correndo mansamente, sem o urro irado das cataratas, no leito espraiado que cavara com as correntes pluviaes. E na orla do rio, á margem opposta, a floresta de um verde sadio, viril pela evaporação daquellas aguas tonificando-lhe a seiva. Aroeiras gigantes, jequitibás seculares, canellas e cedros centenarios odorisando a matta com a sua transpiração doce, jacarandás vetustos e perobas frondosas pareciam desafiar o homem para a eterna luta em que os seres se degladiam. Ao longe, de espaço em espaço, no flanco do monte, no coração da selva, abriam-se feridas collossaes, feitas pelo machado, com os cinereos destroços da lava esparsos no solo. Em baixo, na encosta do valle, erguia-se a modesta casa do barqueiro.

— Eh! da barca, eh! — gritou um dos camaradas.

Não obtendo resposta, chamaram de novo em côro, e uma voz pacata respondeu da vivenda:

— Já lá vai! Parece que morreu alguem.

— Longe vá o agouro! — exclamou Laura com um arrepio supersticioso.

Que luta para a moça entrar naquella canôa a que pomposamente denominavam barca.

— E se isto vira — disse ella com um estremecimento de pavor — vamos agua abaixo e é morte certa

— Qual, minha ama! — volveu o barqueiro. O rio não tem agua nem para afogar um gato, salvo seja! E' um migico, com o livre perdão da palavra,

— Vamos, Laura! — volveu o marido, faz-se tarde e ninguem sabe onde pernoitaremos hoje.

Obedeceu então, toda tremula, dando gritinhos de medo, velando os olhos com as mãos para não ver o abysmo. E a travessia se fez sem novidade, como sempre.

— Nem que o rio estivesse de monte a monte não vencia o braço do caboclo! — exclamou com a fanfarronice habitual do sertanejo.

E perguntando depois onde iam, volveu á resposta:

— Meu amo, vejam se me arranjam por lá uma medida de S. Bom Jesus para curar um rheumatismo encalistrado de minha velha que tem resistido todas as meisinhas do campo e ás benzeduras da tia Basilia, que é grande em MANDRACUA.

— Tral-a-emos! — disse Laura, sorridente e amavel, vendo-se fóra do perigo.

Galgaram a collina. Do cimo do monte, o Chagas volveu um olhar de despedida ao Paraopeba. Um panorama variado se desdobrava dalli. Na margem opposta era a praia arenosa, extensa, morrendo na planicie pintalgada de varzedos resequidos. esverdeados pelo limo, cobrindo lhes a superficie, toda bordada de bosques de goiabeiras, mangues e acacias em flor. Serperteando, boa gigantesca, no seio do valle, ora argenteo, ora azulado ou aereo conforme a intensidade de luz que se reflectia no immenso espelho de suas aguas, se deslisava o rio, calmo, emmudecido, orgulhoso monarcha daquelle deserto, imperando tyrannicamente, solitariamente, com o veneno palustre derramado em seu leito. Ao longe, bem distante, as serras se succediam eclypsando-se, afinal, na bruma dominadora, e, a quem da corrente, a floresta enverdecida ás evaporações tonificantes, velando em parte o Paraopeba, fenecia tambem no plumbeo oceano do fumo.

Penetraram de novo em estradas irmãs das que haviam percorrido já com a sua uniformidade de collinas e seus prados uniformes tambem. Eram mais movimentadas, sem duvida: havia a toada monotona de carros de bois chiando ao peso da messe nos argilosos sulcos, o grito do carreiro praguejando contra as alimarias numa vociferação perenne, cravando sem piedade no flanco das pobres bestas o aguilhão que se vergava ao brutal impulso.

(*Continúa*).

"A LANTERNA" em Bragança

21—11—1909.

Uma familia de jesuitas perversos, d'entre elles um capenga, de voz arrogante e maneiras brutaes, determinou o assassinato de Justiniano da Cunha, pelo facto deste senhor manifestar pela imprensa seu modo de pensar a respeito de factos publicos, violencias e immoralidades, praticados pelo grupo de hypocritas resadores.

Hoje passa o quinto anniversario do barbaro e covarde assassinato! Por certo os perversos jesuitas, confessando-se hoje, darão graças aos seus deuses por terem mandado tirar a vida a um homem independente e brioso que nunca os bajulou.

Ferrer soffreu um processo, foi condemnado injustamente e foi fuzilado pela frente. Justiniano da Cunha porém, foi condemnado á morte, clandestinamente, por determinação de uma familia de assassinos e fuzilado pelas costas, quando comprava bilhete de passagem na Estação desta cidade. Covardes, hypocritas! E resam e confessam-se para illudir a sociedade! Infames creaturas, assassinos perversos!

ZEBALLOS.

Os nossos concursos

Para que serve o padre?

Eu respondo: para continuar mantendo, alimentando e cultivando tudo que ha de mais prejudicial aos interesses moraes, intellectuaes e moraes da humanidade.

O padre é um ser isolado, um sêr á parte, collocado fóra das necessidades, das aspirações e dos desejos do resto dos mortaes, e, por isso mesmo, serve para conspirar contra tudo que constitue objecto de admiração ou respeito áquelles que não envergam roupeta, negra como alma dos bandidos, áquelles que não se curvam nem se humilham aos anatemas dos seus sermões.

O padre serve para enganar, burlar e illudir uma grande parte da humanidade que, devido á sua ignorancia e á sua cegueira, tem a desgraça de frequentar as igrejas, levando-lhe dinheiro; o confissionario, abrindo os escaninhos mais reconditos do seu intimo, a esse padre que não deixará de se aproveitar dos segredos dos outros para os explorar em proveito proprio.

O padre, sêr essencialmente corrupto, serve para corromper e embrutecer todos aquelles que têm a desgraça de lhe cahir sob as garras. A pederastia é-lhe muito commum. Ainda ha pouco os jornaes noticiaram os escandalos havidos num asylo de orphãos, em Italia, onde crianças masculinas foram victimas da sevicia desenfreada dos padres que os dirigiam. Prégando a castidade, defloram todas as meninas que a ingenuidade dos pais lhe sabandona. Veja-se aquelle caso da Bahia em que um padre deflorou onze mocinhas, todas *filhas de Maria*.

O padre serve para prégar o odio ás mulheres, essas flores da vida, seguindo aquella decisão que os bispos em concilio tomaram de lhe negarem a alma que julgavam possuisse o homem. A mulher, na bocca do padre, «é um sêr immundo bom só para ter filhos», esquecendo-se essas enormes cavalgaduras que são filhos de uma mulher e irmãos de mulheres e talvez pais de algumas mulheres, e mais que tudo que é á mulher que elles devem o imperio que exercem (si bem que diminuto para o que foi) sobre a humanidade ignorante, inconsciente e miseravel.

O padre serve para espalhar o odio a tudo que represente progresso do espirito humano e exercer vingança torpe e nefasta sobre aquelles que têm a coragem e a tenacidade de se opporem á sua obra de corrupção, abrindo escolas e divulgando, a rôdo, conhecimentos salutares sobre hygiene, sobre educação e moralidade. O fuzilamento de Ferrer ahi está gritando e clamoroso dizendo bem alto e claro que só o odio da padralhada é que decidiu o conego real numero XIII a assignar a sentença condemnatoria de um tribunal constituido por jesuitas de uniforme, bem dignos lacaios do papa negro.

O padre serve para levar a discordia ás familias, seduzindo as mãis e as esposas e convencendo-as de que os deveres para com um supposto Deus têm primazia sobre os deveres do lar, que é cuidar da sua casa e dos seus filhos.

O padre serve para ludibriar, explorar, enganar, transformando a igreja num enorme bazar onde se pôi medo ás eternas crianças com o fogo do inferno e os chifres e caudas do diabo, vendendo indulgencias, bentinhos, veneras, rosarios e coisas correlativas. Coisa curiosa: no templo não se dá nada: tudo se vende: missas, sermões, baptisados, casamentos, officios funebres, tudo isto se tem a troco do competente arame. Quem não tiver dinheiro fica condemnado.

O padre serve para attentar contra as regras da estetica e do bom gosto, pois que, tendo figura de homem, veste saias como as mulheres.

O padre serve para ser parasita, pois bem gordos e bem nutridos, não empregam a força dos seus musculos num trabalho manual que seja util ao geral de seus concidadãos, mas ao contrario, vivem no *dolce far niente* bebendo, sugando e chupando o sangue, o suor e a vida daquelles que trabalham.

O padre serve para deturpar a verdade, enchendo a cabeça das crianças de lombrigas, pois que no catechismo christão diz-se muito petulantemente que Deus é que creou o mundo e que o mundo foi creado do nada, como se do nada se pudesse tirar alguma coisa. E mais se diz que tres é igual a um, e que um é igual a tres, parecendo desconhecer as regras arithmeticas.

O padre serve para inocular o veneno da passividade no espirito das criaturas, prégando-lhes a humildade, a resignação e a obediencia, tornando os seres incapazes de se elevarem pelo raciocinio a contemplação do mundo e da vida.

O padre serve de empecilho a tudo que é de molde a tornar a humanidade mais sã, mais moralisada, mais elevada, mais dignificada e mais orientada dos seus deveres e direitos. E' um perigo enorme que ameaça tudo que ha de mais nobre nos tempos que atravessamos e como tal é preciso destrui-lo.

O padre serve para povoar o solo de vagabundos, de malandros, velhacos e vadios, pois que constituindo cada padre um sêr com cada um destes attributos e todos em conjuncto é, ao mesmo tempo, dotado de orgãos que têm as suas exigencias, attendendo a que não ha noticias que sejam castrados. Mas como não podem ter mulher, a regra theologica lh'o veda, e como o amor com elles é um crime, lançam mão dos meios clandestinos e no confissionario e na sacristia, insinuando-se no espirito das almas fracas, seduzem-n'as, e dahi o haver tantas crianças que não sabem quem é o pai, que não têm quem as eduque, quem as oriente, quem as guie.

Eis, em resumo, para que serve o padre. Serve para ser prejudicial no mais largo sentido da palavra. Como tal, é preciso supprimil-o juntamente com a grande tenda que se chama igreja.

PINHO DE RIGA.

Campinas.

"A LANTERNA" em Botucatú

Si ha uma cidade onde a propaganda anti-clerical deve ser bem desenvolvida é Botucatú.

Aqui, o bispo Lucio Antunes de Souza desenvolve enorme actividade para embrutecer o povo. Organisou uma «legião de S. Pedro», composta de um elemento pernicioso, de rapazes que não fazem outra coisa sinão desacatar pessoas dentro da igreja.

Por indicação desses taes legionarios o bispo excommungou os distinctos moços srs. Luiz Pinheiro Machado e José Barreiros Sobrinho, que, apesar disso, vão vivendo muito bem.

Finalmente, em Botucatú, séde de bispado, o clero insaciavel extende sobre o povo a garra adunca para o despojar do ultimo vintem.

Acuda-o *A Lanterna*, dando de rijo nessa canalha.

(*Do correspondente*).

Aviso

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nas é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lantdrna*, na secção *Bilhetos e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

"A Lanterna" em E. S. do Pinhal

E ainda ha quem diga que a igreja não é uma casa de negocio, onde os bispos e os padres fazem suas boas transacções.

Temos a prova na ultima visita do prelado de Ribeirão Preto a esta cidade. O chrisma rendeu-lhe um dinheirão.

A igreja só era franqueada aos que fossem ser chrismados e aos padrinhos, mediante a apresentação de um ingresso do valor de 2$000. Esses ingressos eram vendidos em varias casas.

Ora, está bem visto que estes desavergonhados negociam a religião, exploram a Jesus, como bem disse Guerra Junqueiro. E tambem o Christo disse: «Minha casa é casa de oração, e vós a fazeis um covil de ladrões.»

(*Do correspondente*).

PEQUENOS ÉCOS

Applausos— Envia-nos o sr. Luiz Rogerio, de Santa Cruz do Rio Pardo, saudando enthusiasticamente *A Lanterna*.

Gratos.

Ferrer—Esteve muito concorrida a reunião do Grande Oriente de S. Paulo para commemorar o 30° dia do fuzilamento do grande educador.

Usaram da palavra o dr. Armando Prado, que historiou o processo e condemnação de Ferrer, demonstrando haver, da parte dos juizes, o intento preconcebido de matar, como fizeram, e o sr. professor Arthur Breves, que em uma dissertação fundamentada atacou o papel das religiões na educação e os funestos resultados que advêm do ensino religioso.

Não compareceram os srs. drs. Martim Francisco e Basilio de Magalhães, que justificaram sua ausencia.

Queixa—Do sr. Giuseppe Minervino di Affonso recebemos uma carta em que se diz victima do juiz de paz da Consolação, que lhe cobrou custas indevidas num processo em que aquelle senhor era parte.

O sr. Minervino fundamenta sua queixa e termina declarando que, perante certos juizes, desapparece toda a confiança na justiça.

15 de Novembro—Foi festejada a data da proclamação da republica, como de costume, com a grande parada na Moóca, recepção em palacio, concerto e passeiata da força publica pela cidade.

A Associação do Livre Pensamento, em sua séde, á rua José Bonifacio n. 17, commemorou com uma sessão solenne a data, tendo sido orador o sr. professor Arthur Breves, que em um longo discurso estudou a republica desde seus prodomos e a sua engrenagem politica, concluindo por affirmar que, com as olygarchias actuaes, accentua-se a tendencia da centralisação dos poderes, havendo perigo de uma dictadura, um consulado ou mesmo um imperio no caso do marechal Hermes ir ao poder e si por ventura for um ambicioso.

Falou, em seguida, o nosso collega da *Battaglia*, sr. Oreste Ristori, que em vehemente oração atacou a Republica, alludindo a diversos factos que a desabonam e a seus dirigentes, entre outros a condemnação de José Guerrero, ultimamente, em Casa Branca, accusado de homicidio, com a dirimente de legitima defesa, e a recente decretação da expulsão de Edmondo Rossoni.

Ambos os discursos foram muito applaudidos.

Foi encerrada a sessão pelo dr. Antonio Moreira da Silva, que pronunciou algumas palavras rebatendo topicos do discurso de um dos oradores.

A assistencia era numerosa.

Visita — Agradecemos a que nos fez o sr. Ulysses Lelo, secretario da Loja Independencia, de Campinas, e valente anti-clerical.

"A Lanterna" em Itatiba

Têm havido aqui alguns escandalos na igreja, e tão repetidos, que as familias já receiam assistir aos actos religiosos,

Naturalmente estes abusos são praticados pelos proprios carolas, pois os livres pensadores não frequentam essas igrejas, onde o padre explora a pobre humanidade, arrancando-lhe até a camisa do corpo em proprio beneficio seu.

Nesses lugares onde os catholicos deviam ser os primeiros a se manter em respeito, pois são os que frequentam, pelo contrario, dão mostras de irreverencia e desrespeito.

Emfim, aqui em Itatiba já as proprias familias catholicas são privadas de ir á igreja pelos abusos de catholicos que ali vão.

Agora, é queixarem-se ao bispo...

DO CORRESPONDENTE.

As pessoas que quizerem inserir annuncios na **Lanterna** *são solicitadas a virem tratar desse assumpto com a administração, visto que, dispondo o nosso jornal de pouco espaço, não encarregaremos ninguem de angariar annuncios.*

Os nossos representantes

São nossos representantes fóra da capital os seguintes correligionarios, que expontaneamente se compromettem a auxiliar *A Lanterna*:

Amparo, sr. José Mendes.

Rincão, Pontal, Pitangueira e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.

Campinas, sr. Annibal Pace, rua Barão de Jaguara, 60.

Itatiba, sr. B. Martins.

Atibaia, dr. Olympio Paixão.

Guaratinguetá, sr. José Muniz.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martin Affonso, 16.

Jahú, sr. Octacilio Maciel.

Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, rua Camerino, 140 e João Leuenroth, rua da Alfandega, 163.

Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

Palmeiras, sr. Adilio Ramos.

Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.

S. Roque, sr. Credo Negrini.

Dobrada e lugares circumvisinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.

Pirapetinga, (Minas), sr. Francico Assis Teixeira.

Botucatú. sr. Domingos Dorsa.

Porto Alegre, sr. Cecilio Dinorá.

Aos amigos

Todos os perseguidos, todas as victimas do clero sem entranhas, dos governos semescrupulos e dos capilalistas gananciosos encontrarão n'*A Lanterna* todo o apoio e defesa.

Através das publicações

Il «caso Piccarolo» — Folheto de 31 paginas, publicado pelo Centro Socialista Internacional de S. Paulo, e em que se condensam alguns documentos e artigos de jornaes que formam um libello contra o sr. Piccarolo, director do *Il Secolo*.

Porque se trate de assumpto pessoal, abstemo-nos de emittir opinião sobre o folheto, que só deve interessar aos que, de perto, acompanharam os tramites dessa questão.

— *O Pensamento* — Revista mensal illustrada, orgam do Brazil Physico Astrologico, n. 24, anno II.

Bem impresso e com uma copiosa collaboração.

Bilhetes e recados

Ouro Preto.—Luiz Gravina: *A Lanterna* substituiu a *Folha*.

O preço consta do cabeço. Pode pagar no Rio aos nossos representantes. Saudações.

Salto.—S. Delmoro: Seguiram mais 10 exemplares. Do proximo numero em diante mandaremos 40. Seguiram os retratos. Pode mandar as notas. Saúde.

Dobrada. — P. S. Rossi: O jornal foi enviado a todos. Registramos o nome indicado. Saudações.

Nictheroy. — F. Dias: Mandaremos os 20 numeros. Pode entregar ao Moscoso, como diz. Não temos o livro pedido. Quer que o compremos fóra? Saúde.— J. Martins: Recebemos e publicamos. Saúde.

Piracicaba — J. Alemany: O preço da photographia é de 2$. Agradecemos o seu interesse. Saúde.

Santos.—J. Romero: Recebemos o endereço da *Tierra*.

Sertãozinho.—Adolpho Baptista de Souza: Podemos incluil-o na lista de nossos representantes?

S. Paulo.—M. Leite: Mandaremos cobrar. Agradecidos.

Mayrink. — H. Hansen: Muito bem! Agradecidos. Já incluimos o seu apresentado na lista dos nossos representantes. Saudações.

Rio.—Theodoro Magalhães: Enviamos os ns. pedidos.

Pirapetinga. — F. de A. Teixeira: Enviamos os exemplares pedidos. Incluimol-o no numero dos nossos representantes.

Ribeirão Preto.— A. e R. L. C.: Independencia e Amizade: Enviamos os ns. pedidos.—Marcos Lopes: Acceitamos com muito agrado. Agradecemos a lista enviada.

Mogy-Guassú—*O Bandeirante*. Não nos podem enviar o n. de 17 de julho?

Villa Americana— L. Sandoval: Registramos os novos assignantes. Pode ser o nosso representante? Saudações.

Ribeirão Preto—S. C.: Para o proximo numero. Saudações.

Cruzeiro: José Feitosa e amigos: Para o proximo numero. Saudações.

Atibaia—Dr. O. da Paixão: Recebemos os 10$. O pacote seguiu. Remetteremos outro. Saudações.

Itú — A. Coimbra: Rebebemos os 1$, do amigo do jornal. Agradecidos.

Rio—R. S. Munhós: Coisas do correio amigo. Mandamos o n. 5. Saudações.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno.

Em Campinas, na livraria do sr. Annibal Pace, rua Barão de Jaguara, 60.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração o favor de endereçar a correspondencia ao administrador d'A LANTERNA — **EDGARD LEUENROTH.**

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado), e não caixa do correio, como por engano saiu.

Pedimos aos amigos que desejam acceitar o cargo de representantes d'*A Lanterna* em qualquer localidade do Brazil a fineza de nos escreverem, com urgencia, pelo que ficaremos immensamente gratos.

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame*.

A Lanterna acceita e publica denuncias contra o clero e contra toda e qualquer autoridade, desde que o facto seja veridico e não seja passivel de formal desmentido

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

Solicitamos de todos os amigos e leitores, com o fito de tornar mais vasto o raio de acção d'*A Lanterna*, que nos enviem toda e qualquer noticia de crimes e patifarias da padralhada, cortando-a do jornal, cujo nome deverão nos enviar assim como a data e o logar em que se publica.

Afim de facilitar a acquisição de obras literarias, scientificas ou de propaganda, nos propomos mandal-as vir do extrangeiro mediante pedido acompanhado da importancia, sem commissão alguma.

Para isso publicaremos breve um annuncio.